

TATIZANA, C. et al. Análise de Correlação entre Chuvas e Escorregamentos – Serra do Mar, Município de Cubatão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA DE ENGENHARIA, 5., 1987, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ABGE, 1987. p. 225 – 236.

TATIZANA, C. et al. Análise de Correlação entre Chuvas e Escorregamentos no Município de Petrópolis, RJ. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA DE ENGENHARIA. 7., 1993, Poços de Caldas. **Anais...** Poços de Caldas: ABGE, 1993. p. 128–136.

WOLLE, C. M. **Análise dos Escorregamentos Translacionais numa Região da Serra do Mar no Contexto de uma Classificação de Mecanismos de Instabilização de Encostas.** 1988. ?f. Tese (Doutorado em...) - Instituto..., Universidade..., São Paulo.

ZAVATINI, J. A. A Climatologia Brasileira, o Enfoque Dinâmico e a Noção de Ritmo Climático: desenvolvimento, progressos e perspectivas. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA. 2., 1996, Presidente Prudente. **Anais...** Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1996. p. 11 – 20.

LUCAS BARBOSA E SOUZA

Geógrafo, Mestrando em Geografia (Área de Concentração em Análise da Informação Espacial) pela UNESP – Rio Claro. Bolsista FAPESP – Proc. nº 99/12228-7 – lbsgeo@bol.com.br

Recebido em janeiro de 2002.

Aceito em fevereiro de 2002.

ESTUDOS AGRÁRIOS¹

GEOGRAFIA, Rio Claro, 27(2): 140-141, agosto 2002

A editora Unesp, ao publicar a tese de doutoramento da professora Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira, sob o título de “O Mundo Rural e a Geografia”, defendida há alguns anos, no Instituto de Geociências de Rio Claro – Unesp – prestou um grande serviço à Geografia Brasileira.

A professora Darlene, com uma paciência franciscana e um rigor jesuítico, fez o levantamento da bibliografia geográfica brasileira, no setor agrário, reunindo trabalhos escritos em livros, artigos de revistas científicas e anais de congressos e de encontros de Geografia e, sob a orientação da professora Lúcia Helena Gerardi, uma das especialistas mais competentes do setor, analisou a evolução do pensamento geográfico agrário no Brasil, durante seis décadas.

Ao analisar a evolução do pensamento geográfico, ela observou como este havia evoluído à proporção que mudavam os paradigmas do conhecimento científico e as condições técnicas em que era feita a agricultura. Observou também como o tipo de mercado a que se destinava a produção tinha influência sobre a agricultura e suas formas, e como, com o avanço das frentes pioneiras, as regiões iam sendo desmatadas e anexadas à área produtiva. Os trabalhos de Pierre Monbeig foram fundamentais à compreensão deste tipo de agricultura, sobretudo o seu livro “Pioneiros e Plantadores em São Paulo”.

¹Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira. Mundo Rural e Geografia. Geografia Agrária no Brasil: 1930-1990. São Paulo: Unesp, 2002. 462 p. ISBN 85-7139-389-3

Como geógrafa, ela procurou periodizar a forma e os objetivos que os estudos geográficos foram tomando, mostrando como a geografia feita nas décadas de 30 e 40, período que ela chama de Geografia Tradicional, era diferente dos modelos adotados nos anos 70, quando se deu maior ênfase aos modelos; período em que o positivismo tomou um maior impulso, e alcançou maior prestígio.

Assim, no período denominado de Geografia Tradicional havia uma preocupação dos geógrafos em despolitizar a geografia, procurando fazer uma análise do espaço e dando maior importância ao fator natural. Nesse período, poucos eram os geógrafos, como Orlando Valverde e nós mesmos, que, ligados ao pensamento de Caio Prado Júnior, procurávamos fazer uma análise crítica, dialética dos problemas agrários, indo ao encontro daqueles que lutavam pela realização de uma reforma agrária.

Nos anos 60 e 70, com o chamado "Milagre Brasileiro", a Geografia, acompanhando o pensamento dominante no mundo anglo-saxônico, mas também sob a influência de pensadores suecos e poloneses, passou a estudar o espaço agrário sob uma visão neo-positivista, teórica, aplicando modelos matemático-estatísticos. Nesta fase destacaram-se, na Geografia Agrária, estudiosos como Antônio Ceron, Lúcia Helena Gerardi, Alexandre Diniz e Elza Keller. Grandes debates foram travados entre os grupos que se contrapunham, admitindo que os chamados tradicionais estavam se obscurecendo, enquanto os teóricos ocupavam os espaços.

A grande contribuição desses à Geografia, foi permear os seus conhecimentos de fundamentação filosófica à Geografia Tradicional; mas, ao mesmo tempo que inseriam o geógrafo no campo filosófico, geravam contradições, já que nem sempre, esses seguiam a orientação que postulavam e passavam a procurar novos caminhos; essa procura atingiu muito o geógrafo Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, com grandes vínculos com a teoria dos sistemas, e outros geógrafos, como Milton Santos, Ariovaldo Oliveira, Antônio Carlos Robert Moraes e alguns outros com uma maior vinculação dialética e marxista.

Estudos publicados nos anos 50 e 70, feitos por autores que usavam a filosofia dialética, passaram a ocupar um espaço expressivo, tornando-se leitura freqüente dos geógrafos mais jovens. Daí a preocupação com a ação política, por parte de alguns e até a militância política comprometida com a visão científica, como ocorre, hoje, com trabalhos de Bernardo Mançano Fernandes, grande especialista em movimentos populares, sobretudo com o MST.

O processo de modificação no meio rural continua a se proceder com uma certa rapidez e o que antes parecia muito avançado pode hoje estar moderado ou até retrógrado; para se compreender a questão agrária, que é a mais importante a ser resolvida no Brasil, talvez na América Latina, é necessário que os geógrafos se mantenham em contato e compreendam a militância dos agricultores e dos empresários rurais, e que se abram à discussão com os especialistas em ciências afins, para que não percam a visão de totalidade, que é indispensável ao pensamento científico.

A tese, agora transformada em livro, "O Mundo Rural e a Geografia", é texto indispensável à reflexão de geógrafos e de não-geógrafos, como fonte de informação e estímulo a todos que procuram compreender o Brasil e solucionar os seus problemas.

MANUEL CORREIA DE ANDRADE

Fundação Joaquim Nabuco, Recife – PE